

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA INSTITUTO DE ECONOMIA E
RELAÇÕES INTERNACIONAIS GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES
INTERNACIONAIS

MARIA FERNANDA DE ANDRADE E SILVA

DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E ESTRUTURAS DE VIOLÊNCIA:
O Papel da Base Industrial de Defesa de Israel na Escalada da Violência na Faixa de Gaza

UBERLÂNDIA
2025

MARIA FERNANDA DE ANDRADE E SILVA

DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E ESTRUTURAS DE VIOLÊNCIA:
O Papel da Base Industrial de Defesa de Israel na Escalada da Violência na Faixa de Gaza

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Relações Internacionais do Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para a obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Aureo de Toledo Gomes

UBERLÂNDIA
2025

MARIA FERNANDA DE ANDRADE E SILVA

**DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E ESTRUTURAS DE VIOLÊNCIA:
O Papel da Base Industrial de Defesa de Israel na Escalada da Violência na Faixa de Gaza**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Relações Internacionais do Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para a obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Aureo de Toledo Gomes

Uberlândia, 04 de setembro de 2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Aureo de Toledo Gomes (UFU)

Prof. Dr. Edson Jose Neves Junior (UFU)

Prof. Dr. João Fernando Finazzi (UFU)

AGRADECIMENTOS

Completar este curso é, para mim, prova do amor e da bondade de Deus em minha vida. A Ele, dirijo minha gratidão em primeiro lugar, pois foi quem me capacitou e me sustentou em todos os momentos com Sua poderosa mão, que nunca me desamparou. Também agradeço a Deus por ter me presenteado com uma família e amigos tão especiais, que caminharam ao meu lado em toda a minha trajetória acadêmica.

Aos meus pais, que tanto amo, expresso minha mais profunda gratidão pelo apoio incondicional, emocional, financeiro e espiritual. Obrigada por comemorarem comigo cada vitória, por me incentivarem e aconselharem, e por todos os sacrifícios feitos, inclusive aqueles que talvez eu nunca saiba. Vocês me deram todas as condições necessárias para que este sonho se tornasse realidade.

Sou igualmente grata aos meus irmãos, de sangue e em Cristo, que tantas vezes me fortaleceram com palavras de calma e esperança, me acompanharam em orações, estudaram comigo e me alegraram com uma amizade sincera.

A minha querida amiga Lorena, registro um agradecimento especial. Por sempre estar disposta a me ajudar e acolher. Obrigada por nunca ter saído do meu lado, mesmo nos momentos difíceis da graduação.

Aos amigos que conquistei na faculdade, Ana, Igor, Simone, Lorrayne e Maria Eduarda, deixo minha gratidão pelos momentos compartilhados. Agradeço a oportunidade que tivemos de crescemos juntos ao longo do curso. A presença de vocês foi essencial para que eu chegasse até aqui. Espero carregar essa amizade comigo por toda a vida.

Agradeço ao meu orientador Aureo, por, primeiramente, com suas aulas e sua dedicação à docência, despertar em mim o interesse pela área. Agradeço a paciência e orientação, sem a qual esse projeto não teria sido realizado.

“Entrego meus caminhos ao Senhor, e sei que só o bem Ele fará”

Esdras Gondim

DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E ESTRUTURAS DE VIOLÊNCIA:

O Papel da Base Industrial de Defesa de Israel na Escalada da Violência na Faixa de Gaza

Maria Fernanda de Andrade e Silva

Resumo: Esta pesquisa analisa o papel da Base Industrial de Defesa (BID) de Israel na escalada da violência na Faixa de Gaza entre 2008 e 2025, utilizando como principal referencial teórico a tipologia de Johan Galtung sobre violência direta, estrutural e cultural. O estudo investiga como os interesses estratégicos e econômicos da BID impulsionam o desenvolvimento e a aplicação de tecnologias militares emergentes — como drones, sistemas de vigilância e dispositivos baseados em inteligência artificial — empregadas contra a população palestina, ao mesmo tempo em que fortalecem a inserção internacional de Israel no mercado global de armamentos. Argumenta-se que essa dinâmica aprofunda desigualdades e agrava a crise humanitária em Gaza. A hipótese central é que a consolidação da BID israelense, por meio da articulação entre instituições estatais, grandes corporações, centros de pesquisa e agentes financeiros, intensificou o “Triângulo da Violência” no conflito com a Palestina, promovendo práticas de destruição em massa, desumanização, segregação e vigilância. Esse processo sustenta um ciclo permanente de violência que, segundo Galtung, priva uma população da capacidade de desenvolver plenamente suas potencialidades físicas e mentais, abrindo espaço para a interpretação do conflito como uma guerra de extermínio. Ao examinar a relação entre desenvolvimento tecnológico, interesses econômicos e violência sistemática, o estudo contribui para debates críticos sobre os limites éticos e políticos da inovação militar e suas implicações para a segurança internacional e os direitos humanos.

Palavras-chave: Base Industrial de Defesa; Israel; Faixa de Gaza; Tecnologias militares; Violência; Genocídio.

Introdução e justificativa do tema:

Embora apresentadas como instrumentos de segurança, as inovações tecnológicas desenvolvidas no âmbito da Base Industrial de Defesa (BID) de um país podem contribuir para o aprofundamento de desigualdades e o aumento da letalidade em conflitos (Duffield, 1996). Os interesses da BID na evolução de novas tecnologias de guerra, direciona respostas às crises para soluções militarizadas, estimulando continuamente a produção de armamentos mais avançados e orientando os investimentos em defesa para tecnologias de alto retorno financeiro, ainda que nem sempre sejam as mais eficazes ou necessárias para a segurança pública (World Peace Foundation, 2024). O que pode ser observado no conflito entre Israel e Palestina.

Conforme Gowayed (2024) as condições impostas por Israel com as guerras regionais e as intifadas, possibilitaram que o governo israelense se tornasse pioneiro no desenvolvimento de tecnologias bélicas e uso de IA para ambientes militares. É importante destacar o papel do vultoso financiamento norte-americano, que investe bilhões de dólares no desenvolvimento desses novos sistemas de defesa, posteriormente testados na Faixa de Gaza, que, de acordo com Loewenstein (2023), funciona como um “laboratório” para experimentação das tecnologias em combate. Gowayed (2024) relata que Gaza foi densamente equipada com esses mecanismos de vigilância e destruição, por meios dos quais, Israel monitora o território e controla a população.

Compreende-se que, embora o ano de 2005 represente o ponto de virada com a retirada unilateral de Israel de Gaza e a manutenção do bloqueio, é a partir da Operação Chumbo Fundido (2008-2009) que se consolida um novo padrão de violência e o uso de tecnologias militares emergentes pela BID israelense. A Operação, em 2008, foi a primeira grande ação militar de larga escala em Gaza após o bloqueio, marcando um salto qualitativo e quantitativo na aplicação da força militar, momento em que, drones armados, sistemas de vigilância avançada e munições de precisão passaram a ser empregados de forma sistemática, tornando Gaza um campo de experimentação prática para a BID (Cohen et al., 2017). Assim, a partir de 2008, é possível observar um padrão de operações militares recorrentes (2012, 2014, 2021, 2023), cada vez mais dependentes da automação bélica (Hever, 2014). Retomando a ideia de Loewenstein (2023) e Hever (2014), observa-se que após cada ofensiva contra Gaza, novos dispositivos bélicos são desenvolvidos e empregados contra a população palestina, funcionando como testes prévios à comercialização internacional.

Shuki Sadeh (2014) destaca que para as indústrias de defesa a guerra em Gaza é uma mina de ouro, a fala de Barbara Opall-Rome, chefe do escritório israelense revela a ideia, “[...] esta campanha [Operação Borda Protetora] é como beber um energético muito forte – simplesmente lhes dá um tremendo impulso para a frente”, bem como “O combate é como o mais alto selo de aprovação quando se trata dos mercados internacionais. O que se provou em batalha é muito mais fácil de vender”. A *Elbit Systems*, por exemplo, promove seus produtos como “testados em combate”, atribuindo seu desempenho superior à experiência obtida em operações da *Israel Defense Forces* (IDF). Essa estratégia de marketing, além de legitimar o uso de Gaza como espaço experimental, resulta em ganhos econômicos expressivos. Em março de 2024, a empresa alcançou o recorde de US\$ 17,8 bilhões em sua carteira de pedidos, impulsionada por contratos com o Ministério de Defesa de Israel (IMOD) e exportações para países europeus (Who Profits, 2024).

Nesse contexto, a BID impulsiona o desenvolvimento dessas tecnologias que, não apenas garantem a superioridade militar de Israel, mas também ampliam sua inserção no mercado internacional de armamentos (Estevam, 2021). Assim, a BID israelense mantém estreita articulação com a *Israel Defense Forces* (IDF), centros de pesquisa, como a Diretoria de Pesquisa e Desenvolvimento (DDR&D) que é vinculado ao IMOD e tem como função preservar a superioridade tecnológica e a vantagem militar do país, conduzindo o processo que vai da pesquisa básica à produção em larga escala (IMOD, [s.d.]) e grandes empresas, como a *Israel Aerospace Industries* (IAI), *Rafael Advanced Defense Systems* e *Elbit Systems*. Os contratos dessas corporações com o governo israelense são milionários, um exemplo é o acordo assinado em julho de 2023, no qual a *Elbit* se comprometeu a fornecer projéteis de artilharia ao IMOD, destinados ao Corpo de Artilharia, pelo valor aproximado de NIS¹ 250 milhões (Who Profits, [s.d.]).

O governo de Israel defende que, o desenvolvimento militar do país, apoiado pelo IMOD, é justificado pela escalada de ameaças, conflitos regionais, terrorismo e ataques cibernéticos, principalmente, no caso da pesquisa, contra o Hamas, que não reconhece o Estado de Israel e reivindica o território israelense para a Palestina (Hamayun, 2025). Como destaca o *Israel Defense Directory 2018/19*, a estratégia busca assegurar a superioridade militar por meio da manutenção de uma força altamente preparada para múltiplos cenários. Nesse processo, a indústria de defesa, composta por atores já citados, é apresentada não apenas como ferramenta de segurança, mas também como motor do crescimento econômico e da projeção internacional de Israel, inclusive através de acordos de cooperação e transferência de tecnologia (SIBAT, 2018).

Embora o discurso do governo israelense enfatize que esses dispositivos são positivos à medida em que, como destaca a fala do segundo o diretor-geral do IMOD, Eyal Zamir, “[...] aumentarão nossa superioridade operacional, ao mesmo tempo em que reduzirão as baixas, aumentarão o ritmo operacional e otimizarão a utilização de recursos” (Greenberg, 2025), Schmitt (2024) aponta que, essa maior eficiência confere uma falsa aparência de neutralidade técnica a práticas que, na realidade, estão inseridas em uma lógica mais ampla de dominação.

O que se percebe é uma tendência de crescimento contínuo de desenvolvimento e uso dessas tecnologias em operações de monitoramento, reconhecimento e ataque, refletindo a estreita articulação entre o setor privado, o Estado e a estratégia militar, que contribui para a intensificação da violência na Faixa de Gaza em suas seguintes dimensões: direta, pois pode ser expressa no aumento do número de mortes, no deslocamento forçado de pessoas, destruição de áreas inteiras; estrutural, através do controle populacional, vigilância e privação de direitos

básicos que garantam qualidade de vida; e cultural, por meio de discursos que legitimam tais violências.

Assim, exemplo da violência física direta é drone *Heron TP “Eitan”*, da IAI, empregado pela primeira vez na “Operação Chumbo Fundido” (2008), a qual se caracteriza como ponto de partida da análise na presente pesquisa. Os ataques vitimaram 116 civis menores de idade e muitos outros danos (Dowling, 2023). Mais recentemente, a escalada da violência direta tornou-se mais intensa, os dados do *Vision of Humanity* (2025) mostram que o uso de drones em conflitos cresceu exponencialmente, com mais de 3.000 mortos em 2023, equivalentes a 2% das baixas em combate, e um aumento no número de ofensivas de 421 em 2018 para 4.957 em 2023. Dados da SIPRI (2024) mostram que a guerra em Gaza já causou mais de 45.500 mortes de palestinos, com 90% da população deslocada e grande parte do território em ruínas. Compreende-se que essa destruição é, em grande medida, causada através desses dispositivos. Apenas em abril de 2025 foram registrados cerca de 617 ataques aéreos (ACLED 2025).

Além da destruição visível, os mecanismos tecnológicos também podem ser compreendidos como expressões de violência estrutural, pois instauram formas de dominação que moldam a vida cotidiana. As tecnologias de vigilância exemplificam esse processo: o sistema *Lavender*, ao classificar civis com base em perfis de risco, produz uma generalização que atinge amplos segmentos da população palestina, sobretudo homens, muitas vezes sem evidência concreta de envolvimento em atividades armadas, tendo identificado cerca de 37 mil pessoas como suspeitas (Abraham, 2024). Em complemento, o sistema *Where is Daddy?* aciona bombardeios quando alvos monitorados retornam às suas casas, o que frequentemente impacta famílias inteiras, evidenciando como a lógica digital amplia o alcance da violência militar (Abraham, 2024).

Esse tipo de controle vai além do campo bélico imediato, Tawil-Souri (2012) mostra que a própria infraestrutura de telecomunicações da Palestina é limitada e dependente de Israel, o que permite ao Estado controlar fluxos de informação, monitorar comunicações e restringir o acesso à internet. Assim, o controle digital não apenas amplia as condições de vigilância e suspeição permanente, mas também sustenta uma forma de violência estrutural que naturaliza a desigualdade, reforçando a assimetria de poder e submetendo toda uma população a uma experiência contínua de insegurança e precariedade.

Em relação à violência cultural, Oliveira (2017) destaca práticas como racismo e nacionalismos como mecanismos de legitimação da violência direta e estrutural. No caso israelense, essa dimensão aparece tanto no discurso quanto na materialização do preconceito.

Loewenstein (2009) cita, por exemplo, slogans estampados em camisetas de soldados israelenses que banalizam a violência contra os palestinos, como ilustrações de uma mulher palestina grávida acompanhadas da frase: “um tiro, duas mortes”, difundindo a ideia, como exposto por Ballastero (2024), de que todo palestino é um combatente em potencial. Além disso, o preconceito se materializa com softwares de reconhecimento facial e sistemas de perfilamento, que carregam vieses raciais e étnicos. Aplicados em checkpoints e cidades palestinas, tais tecnologias automatizam a associação do palestino ao inimigo, transformando discriminação em rotina institucional e legitimando o controle racializado como prática de segurança (Goodfriend, 2023).

Percebe-se, portanto, que a escalada da violência em Gaza está profundamente vinculada ao desenvolvimento e à aplicação das inovações tecnológicas oriundas da Base Industrial de Defesa israelense. Embora apresentadas sob a justificativa de segurança, tais tecnologias têm servido à intensificação de diferentes formas de violência — direta, estrutural e cultural —, expressas no número crescente de mortes, no deslocamento massivo da população, na vigilância sistemática e são legitimados discursos do governo e dos outros atores que atuam em consonância à lógica de dominação. A análise evidencia, portanto, que o avanço tecnológico no campo militar, quando articulado a interesses econômicos e geopolíticos, não pode ser dissociado de seus impactos sociais, políticos e humanos, em especial, no caso palestino, da perpetuação de uma condição de insegurança estrutural e de violência sistemática.

Por fim, é importante destacar que esta pesquisa tem como recorte analítico as implicações tecnológicas da Base Industrial de Defesa de Israel, justamente por se tratar de um aspecto ainda pouco explorado pela literatura brasileira em Relações Internacionais. Isso, contudo, não significa desconsiderar o papel de outros atores políticos e militares que exercem forte influência na dinâmica do conflito e cuja atuação também contribui para a escalada da violência. Ocorre que, para fins de delimitação, a investigação concentra-se na BID israelense, buscando compreender como seus interesses estratégicos e econômicos moldam o desenvolvimento tecnológico militar e impactam diretamente a intensificação das diferentes formas de violência na Faixa de Gaza.

A pesquisa fornece meios para compreender os impactos humanitários de decisões políticas e tecnológicas. Isso é especialmente relevante no contexto atual de crescente debate ético sobre o uso de tecnologias autônomas em guerra. Além disso, o caso israelense, ao mesmo tempo local e internacionalizado, serve como exemplo de como a lógica da BID pode influenciar a política externa, a economia e a própria condução de guerras. Desse modo, o

estudo também contribui para reflexões críticas sobre os limites da segurança baseada exclusivamente na superioridade militar e abre espaço para pensar alternativas de paz positiva.

Dessa forma, abre espaço para futuras análises, em áreas como Direito Internacional, Política Externa, Economia Política Internacional e, também, outras pesquisas no campo dos Estudos para a Paz, principalmente no âmbito da produção acadêmica brasileira, em que se pode observar uma escassez de análises críticas sobre o tema proposto. Sob essa perspectiva, surgem questões como: quais alternativas tecnológicas poderiam ser direcionadas à segurança humana e construção de uma paz cotidiana sustentável, e não apenas à militarização? Quais são os limites éticos e legais do uso desses mecanismos bélicos e como esses atores podem ser responsabilizados a partir do Direito Internacional? Assim, fornece contribuições teóricas e reflexivas que podem contribuir para novas abordagens.

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Investigar como os interesses estratégicos e econômicos da Base Industrial de Defesa de Israel impulsionam o desenvolvimento e a aplicação de tecnologias militares emergentes e de que forma tais inovações contribuem para a intensificação da violência no conflito Israel–Palestina, entre 2008 e 2025, configurando um cenário passível de interpretação como genocídio na Faixa de Gaza.

Objetivos Específicos

- Compreender a estrutura e os interesses da BID israelense, com foco na articulação entre Estado, grandes corporações, centros de pesquisa e agentes financeiros voltados à produção e comercialização desses mecanismos;
- Investigar o papel das tecnologias aplicadas ao conflito entre Israel e Palestina e como elas contribuem para a intensificação do chamado “Triângulo da violência”, a partir do referencial teórico de Johan Galtung;
- Analisar de que maneira a escalada da violência na Faixa de Gaza pode ser interpretada à luz das denúncias e debates sobre o processo de genocídio na região.

Problemática e hipótese:

As guerras modernas, como observam Pureza e Moura (2005), seguem uma lógica distinta daquela que caracterizava os embates tradicionais. Nos conflitos antigos, havia uma separação bem definida entre as esferas pública e privada, militar e civil, interna e externa,

política e econômica, no entanto, essa estrutura começa a se desfazer a partir do século XX. Com o avanço da industrialização e a produção em massa de armamentos, ocorre uma diluição progressiva dessas fronteiras tradicionais. As distinções que antes organizavam a guerra tornam-se cada vez mais tênues, dando lugar a uma realidade em que os limites entre as diferentes esferas se tornam fluidos e indistintos (Kaldor, 2001).

Nessa perspectiva, Pureza e Moura (2005) argumentam que as transformações dos conflitos também moldam profundamente a compreensão das práticas de agressão e dominação. Anteriormente, a análise concentrava-se sobretudo em sua manifestação mais visível: a violência direta. Contudo, os autores destacam que as duas guerras mundiais e a Guerra Fria escancararam novas formas de coerção e opressão, revelando que o problema excede os limites do ataque físico.

Passa-se, então, a reconhecer a importância da esfera estrutural e simbólica, que operam de forma menos evidente, mas igualmente destrutiva. Nesse novo cenário, uma abordagem restrita à violência direta torna-se insuficiente, é necessário aprofundar a análise nas estruturas sociais e políticas que sustentam formas sistêmicas e duradouras de dominação (Pureza e Moura, 2005).

Dentro desse panorama, se insere a BID, conjunto de empresas responsáveis por fornecer equipamentos e serviços voltados à área de segurança, em articulação direta com órgãos estatais (Dunne, 1995). Ao alinhar seus interesses à perpetuação de zonas de instabilidade e à produção constante de ameaças, a BID exerce um papel central no desenvolvimento e na comercialização de tecnologias emergentes, moldando profundamente as formas contemporâneas de conduzir, justificar e sustentar a guerra.

No caso de Israel, isso não é diferente, segundo Abdehnour (2023), três fatores conferem ao ecossistema de inovação militar israelense uma capacidade singular de desenvolver e comercializar armas: os subsídios dos Estados Unidos, que, de acordo com o autor, somam quase quatro bilhões de dólares anuais e já ultrapassaram duzentos e cinquenta bilhões desde a fundação do Estado, a proteção política internacional que garante impunidade a Israel diante de crimes contra a humanidade, o recrutamento militar obrigatório, que militariza intensamente a sociedade, e, por fim, o regime de apartheid e ocupação militar, que submete milhões de palestinos à violência e vigilância constantes.

Esse contexto cria as condições para que tecnologias bélicas cada vez mais sofisticadas sejam aplicadas de forma sistemática contra populações civis, intensificando a escalada da agressão armada e agravando crises humanitárias preexistentes (Halper, 2015). A dinâmica de expansão da letalidade a partir do desenvolvimento tecnológico pode ser compreendida à luz

do “Triângulo da Violência” proposto por Johan Galtung, no qual a violência direta se expressa nos ataques físicos contra palestinos, a violência estrutural se manifesta na ocupação, nas desigualdades institucionais e no bloqueio que inviabiliza a vida em Gaza, e a violência cultural opera por meio dos discursos e símbolos que legitimam tanto a dominação israelense quanto a naturalização da repressão. Dessa forma, os elementos destacados por Abdelnour (2023) não apenas viabilizam o fortalecimento da Base Industrial de Defesa de Israel, mas também se articulam diretamente com as três dimensões da violência, sustentando e legitimando práticas que convergem para cenários de extermínio.

O conflito histórico entre Israel e Palestina permite uma análise crítica dos impactos do desenvolvimento tecnológico-militar israelense, com destaque para as consequências estruturais e humanitárias decorrentes da violência prolongada na Faixa de Gaza. Nesse sentido, Sara Roy (2009), ao examinar a Operação Chumbo Fundido, aponta que um dos objetivos centrais da ofensiva foi aumentar a capacidade de dissuasão de Israel e restaurar a imagem como aliado dos Estados Unidos na guerra contra o terror. Essa operação, considerada a primeira grande guerra de Gaza, marcou um ponto de inflexão no processo de militarização tecnológica. A partir dela, Israel intensificou de forma significativa seus investimentos em capacidades defensivas (Cohen et al., 2017), com apoio estratégico da DDR&D, que, em estreita colaboração com startups de segurança e grandes conglomerados industriais, acelerou a inovação militar com aplicação prática em cenários reais de combate (Frantzman, 2024).

Relatórios de organismos internacionais, como Human Rights Watch e Anistia Internacional, declarações de líderes globais — incluindo o presidente do Brasil — e coberturas de veículos como The Guardian e Al Jazeera têm denunciado tanto a violência indiscriminada contra a população palestina quanto o uso crescente de sistemas autônomos e de inteligência artificial em operações militares. Até mesmo organizações israelenses, como a B'Tselem e a Physicians for Human Rights–Israel, criticam abertamente essas práticas, evidenciando tensões internas em torno da legitimidade das ações.

Essas denúncias, associadas aos dados que revelam os altos lucros das empresas do setor, corroboram o argumento de Halper (2015) de que a ocupação não representa um custo para Israel, mas sim um recurso estratégico. No plano econômico, Gaza funciona como um “laboratório” para o teste e aprimoramento de armamentos que ampliam a competitividade israelense no mercado internacional; no plano político, serve como mecanismo de consolidação da influência global de Israel, algo que dificilmente seria alcançado por outros meios.

Diante desse cenário, a presente pesquisa se orienta pela questão central: de que maneira a Base Industrial de Defesa de Israel, por meio do desenvolvimento e comercialização de novas

tecnologias de guerra, contribui para a escalada da violência em Gaza? Parte-se da hipótese de que o fortalecimento da BID, estruturada em torno de empresas como IAI, Rafael e Elbit Systems, em articulação com centros de pesquisa como a DDR&D, no período de 2008 a 2025, intensificou as três dimensões do “Triângulo da Violência” (Galtung, 1969) no conflito com a Palestina. Essa intensificação se manifesta em práticas de destruição em massa, desumanização, segregação e vigilância, configurando um cenário de violência permanente, no qual a população palestina é impedida de desenvolver plenamente suas potencialidades físicas e mentais, condição essencial para o florescimento humano, o que pode ser analisado como um processo de guerra de extermínio.

Revisão bibliográfica e teórica:

A presente pesquisa estrutura sua fundamentação teórica em quatro eixos centrais: (1) os conceitos e significados da paz e as múltiplas manifestações da violência; (2) a definição e o papel estratégico da Base Industrial de Defesa (BID), com ênfase no caso israelense; (3) a utilização de tecnologias emergentes e a guerra de extermínio; e (4) o debate sobre a ética desses mecanismos. O objetivo é mapear o estado da arte nesses campos interconectados para compreender como eles se articulam e podem ser observados no conflito na Faixa de Gaza.

A paz, uma das grandes preocupações da literatura, carrega significados múltiplos. O *Webster's Third New International Dictionary* (1828), aponta para dimensões que variam da tranquilidade interior e ausência de perturbações à ordem social assegurada pelas leis, passando pela ausência de guerra e pela liberdade espiritual. Em comum, essas acepções revelam uma concepção plural, que vai da ausência de violência à realização plena da vida humana.

A reflexão teórica sobre a paz, como observado, ultrapassa a mera ausência de guerra. Johan Galtung, um dos principais expoentes dos Estudos para a Paz, introduziu distinções fundamentais ao diferenciar paz negativa, entendida como a ausência de violência direta, e paz positiva, caracterizada pela presença ativa de justiça e integração social (Galtung, 1996). Para o autor, a paz não deve ser vista como resultado eventual de vitórias militares, mas como objetivo social a ser promovido por meio de políticas concretas e criativas de transformação não violenta dos conflitos.

Galtung (1996) também identificou duas tendências empíricas globais que sustentam a possibilidade da paz: a capacidade humana de empatia e cooperação (*man identifies*) e a tendência de impor limites mesmo em situações de guerra (*man limits*). Ao expandir essas capacidades, seria possível reduzir a violência (paz negativa) e ampliar a cooperação (paz positiva), construindo uma paz geral.

Outros estudiosos, como Ferreira (2019), ampliam essa perspectiva ao argumentar que a paz deve ser entendida para além das relações interestatais, abrangendo diferentes esferas da sociedade e permitindo a análise de formas diversas de violência. Essa concepção reforça que os Estudos para a Paz não se restringem ao fenômeno da guerra, mas abarcam também desigualdades e conflitos sociais mais amplos. A paz, portanto, só pode ser plenamente compreendida em diálogo com a problemática da violência. Barash e Webel (2002) destacam que os Estudos para a Paz surgem justamente da necessidade de desenvolver alternativas para enfrentar a violência organizada e legitimada pelo Estado intensificada, inclusive, pelo avanço das tecnologias de destruição.

Nesse sentido, Galtung identifica cinco manifestações de violência: (1) direta; a violência estrutural, que inclui (2) privação de necessidades básicas; (3) privação de liberdade; (4) alienação; e (5) destruição ambiental. Enquanto a violência cultural funciona como mecanismo de legitimação, tornando natural a reprodução das demais formas de violência (Galtung, 1969; 1990). Assim, Galtung propõe a ideia do “Triângulo da Violência”, que articula violência direta, estrutural e cultural como dimensões interdependentes.

Entretanto, críticas ao pensamento galtuniano também são recorrentes. Muñoz (2001) argumenta que a ênfase excessiva na compreensão da violência, com a expectativa de que, a partir dela, se derive automaticamente a paz, cria uma inversão epistemológica problemática, já que se comprehende mais a violência do que a própria paz. Essa “violentologia”, como ele a nomeia, leva a uma dissonância cognitiva, na qual se deseja a paz, mas se pensa, analisa e estrutura o conhecimento em torno da violência.

Diante dessas limitações, surge a necessidade de ampliar o foco analítico para além da violência, direcionando atenção também ao próprio conceito de conflito, entendido não apenas como expressão da violência, mas como fenômeno social complexo e multifacetado. Dentro dessa perspectiva, o conflito é composto por três dimensões interligadas: atitudes (sentimentos e preconceitos), comportamento (ações visíveis) e contradição (causas estruturais e profundas). Todavia, ainda que se analise a partir de outros ângulos, lidar com os conflitos exige enfrentar também as formas de violência direta, estrutural e cultural (Galtung, 1996).

Esse debate fornece as bases conceituais para compreender como atores específicos participam de reprodução da violência e conflito, como definido anteriormente, por exemplo, a BID. Pilusuk (2014), ao analisar o complexo industrial-militar norte-americano, mostra como redes de contratos e interesses privados sustentam a perpetuação da violência. Esse raciocínio é aplicável ao caso israelense, onde a BID ocupa posição central na formulação de estratégias militares e de segurança (Halper, 2015).

A literatura especializada apresenta diferentes definições de BID, que variam desde a concepção como conjunto de empresas, estatais ou privadas, responsáveis por pesquisa, desenvolvimento e produção de equipamentos militares (Brasil, 2005), até tipologias baseadas na natureza da produção (Melo, 2015). A BID aparece como elemento estruturante da capacidade militar dos Estados e como setor altamente lucrativo, marcado por fortes vínculos com o poder público e pelo uso de discursos ideológicos que legitimam a violência (Hartley, 2007).

Dunne (1995) discorre que a BID pode ser compreendida por diversos aspectos, todavia, o autor ressalta que, embora muitos estudos foquem na análise teórica e funcional da BID, bem como em sua eficiência na produção, é possível enxergá-la, não apenas como fornecedoras passivas de sistemas de armas, mas como participante ativas na determinação do nível de gastos com defesa. O autor destaca que a relação entre a BID e o Estado pode ser caracterizada como complexa, multifacetada e essencialmente simbiótica, marcada tanto pela dependência mútua quanto pela influência recíproca. Essa dinâmica se estrutura em quatro eixos principais: o papel do Estado como comprador monopsônico (principal ou único), a interdependência entre ambos, a utilização da BID como instrumento de política estatal e, por fim, a capacidade de influência da própria indústria sobre o Estado.

O papel monopsônico do Estado confere-lhe capacidade de definir a estrutura da BID, regulando preços, lucros e exportações. Segundo Dunne (1995), o governo assume grande parte dos riscos por meio do financiamento em P&D, investimentos e regras contratuais, em um mercado marcado pela ausência de competição. Além disso, observa-se uma relação de interdependência, já que o Estado depende da BID para garantir autossuficiência em armamentos e rápida mobilização em crises, enquanto a BID depende dos gastos governamentais para sua sobrevivência e lucratividade. Mais do que fornecer armamentos, a indústria de defesa é usada como ferramenta de política industrial e tecnológica, preservando capacidades estratégicas e estimulando tecnologias de uso dual. Assim, não se trata de um setor passivo, mas um ator político ativo, influenciando reguladores, pressionando por maiores gastos militares e condicionando decisões estatais.

Segundo Estevam (2024), a BID de Israel desempenha um papel estratégico crucial para o país. O autor ressalta que: é um pilar econômico relevante; essencial para a independência geopolítica do Estado; referência em táticas utilizadas em conflitos prolongados; fundamental para assegurar a soberania e a integridade territorial de Israel; e significativa para reforçar a percepção de efetividade das IDF e a capacidade de defesa do país, tanto perante a população interna quanto frente a audiências internacionais. Em contraste,

Halper (2015) e Loewenstein (2023) apontam que, embora a BID tenha se consolidado como referência estratégica nacional, ela também se configura como um modelo securitário exportável, que transforma Gaza em um ambiente de testes.

Entretanto, autores como Finkelstein (2018) apontam que essa ideia de ‘laboratório’ deve ser utilizada com cautela, de forma que não simplifique a complexidade do conflito ou reduza Gaza a um mero espaço experimental que apague atuação política de outros atores palestinos e israelenses. Compreende-se que, a violência em Gaza é parte de uma ocupação prolongada e complexa política de segurança, não apenas de experimentação tecnológica. Assim, Loshitzky (2023) explora o uso do termo “laboratório” como uma metáfora. Embora a autora reconheça que Gaza não é apenas alegoria, mas uma realidade dura, entende que metáforas podem ser úteis para explorar e compreender situações complexas e mobilizar lutas políticas. Assim, Gaza pode ser interpretado como “[...] uma prisão, um gueto, um campo de refugiados, um espaço/estado de exceção [...]” e, no caso em questão, “[...] um laboratório experimental para exercer controle e vigilância totais, uma zona terrestre para uma guerra futurística e uma vitrine para o comércio de armas”.

Sob esse viés e a ideia do caráter “laboratorial” de Gaza, a modernização tecnológica impulsionada pela BID levanta, portanto, dilemas éticos e políticos quanto ao uso desses mecanismos e seus efeitos sobre a população. Ao permitir que máquinas executem funções tradicionalmente humanas em situações de combate — como vigilância, patrulha e ataques de precisão —, essas tecnologias reduzem os riscos imediatos para as tropas israelenses e reforçam a imagem de eficiência militar (Barash; Webel, 2009). Contudo, ao mesmo tempo, ampliam os riscos de desumanização do inimigo, de automatização da violência e de desresponsabilização jurídica em caso de violações do direito internacional (Pires, 2017; Chamayou, 2015).

Os mecanismos empregados no conflito têm sustentado um quadro de violência direta, estrutural e cultural que, em seu conjunto, aproxima-se do que pode ser caracterizado como genocídio. Isso se verifica na medida em que tais práticas correspondem a elementos previstos na Convenção para a Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio, aprovada pela ONU em 1948, como (a) o assassinato de membros do grupo; (b) a imposição de graves lesões físicas ou mentais; e (c) a submissão deliberada a condições de existência capazes de ocasionar a destruição física, total ou parcial.

No entanto, para além da dimensão física, é preciso considerar também, conforme Galtung, os aspectos estruturais e culturais da violência. Nesse ponto, Mohammed Nijim (2022) ressalta as limitações da definição consagrada pela ONU, por refletir os interesses das grandes potências que, ao elaborarem a convenção, buscaram excluir de seu escopo práticas

próprias que poderiam configurar crimes contra a humanidade. O autor defende, portanto, uma concepção ampliada de genocídio, que inclua não apenas a destruição material, mas também a aniquilação social, cultural e política de um povo. Em diálogo com essa perspectiva, Nijim (2022) mobiliza a definição de Daniel Feierstein, para quem o genocídio constitui uma prática social voltada a criar, reorganizar ou eliminar vínculos no interior de uma sociedade. O autor reforça que o genocídio deve ser compreendido como um plano coordenado de destruição dos fundamentos essenciais de um grupo, suas instituições, cultura, língua, religião, economia e identidade coletiva, com o objetivo de desintegrar sua existência. Trata-se, portanto, de um processo que não se restringe ao ataque físico direto, mas que envolve igualmente a eliminação da segurança, liberdade, saúde, dignidade e, em última instância, da própria vida dos integrantes do grupo visado.

De acordo com os autores, se, por um lado, a retórica oficial sustenta que armas de alta precisão e drones armados seriam mais “éticos” por minimizar baixas militares, por outro, na prática, em guerras assimétricas como a de Gaza, essas inovações intensificam os efeitos destrutivos sobre populações civis desprotegidas (Estevam, 2021). O uso sistemático desses mecanismos tecnológicos, aliado à política de bloqueio e isolamento, resulta não apenas em mortes diretas, mas também na inviabilização progressiva das condições de vida da população palestina. Assim, observa-se uma convergência entre as manifestações de violência descritas por Galtung — direta, estrutural e cultural — e os elementos constitutivos do genocídio, conforme definido anteriormente. Sahd (2024) ressalta como tais dinâmicas evidenciam como a tecnologia militar, longe de ser apenas um instrumento neutro de segurança, pode ser central na viabilização de práticas genocidas. Ao tornar a violência mais “aceitável” do ponto de vista ético e mercadológico, a BID contribui para normalizar um processo de destruição social e cultural que vai além do campo de batalha imediato.

Desse modo, a discussão sobre genocídio não pode ser dissociada nem da análise da violência, nem da reflexão ética sobre as tecnologias de guerra. Pelo contrário, ela surge exatamente no ponto de interseção desses debates: quando a violência deixa de ser episódica e se torna sistemática, sustentada por aparatos tecnológicos que ampliam sua letalidade e legitimidade. Isso implica repensar tanto os limites do uso da força quanto a responsabilidade de Estados, corporações e instituições diante de crimes que ultrapassam a lógica militar e configuram violações à própria condição de existência de um povo.

Assim, cabe considerar a importância do debate sobre a responsabilização por esses crimes. Barash e Webel (2009) questionam sobre quem deve responder pela morte de civis, se seriam os comandantes, os políticos que autorizaram os ataques ou fabricantes desses

equipamentos. É importante destacar que, de acordo com a *Human Rights Watch* (2009), a justiça é necessária por uma questão de princípios, para restaurar a dignidade humana e reconhecer seu sofrimento, bem como para criar uma paz sustentável. Sob essa perspectiva, a ausência de responsabilização pode reforçar a violência estrutural e impedir que se caminhe em direção à paz positiva. Ao articular esses elementos, os Estudos para a Paz contribuem para evidenciar não apenas os mecanismos de violência, mas também as possibilidades de transformação rumo a uma paz justa e sustentável.

Metodologia de trabalho:

A presente pesquisa adota como desenho de investigação a análise do papel da BID de Israel na manutenção da violência na Faixa de Gaza, com o objetivo central de investigar a relação entre automação bélica e intensificação da violência no território. Parte-se da hipótese de que tais inovações contribuem para a escalada da violência, tanto em suas dimensões direta, estrutural quanto cultural. Trata-se de uma pesquisa de caráter explicativo, conforme Schmitter (2008), na medida em que busca ultrapassar a simples descrição, delimitando o universo de análise, selecionando casos representativos, ampliando conceitos à luz de teorias mais abrangentes e aprofundando a compreensão das relações investigadas. O percurso metodológico será orientado pelo método hipotético-dedutivo, partindo da formulação do problema e da hipótese de que os interesses da BID favorecem a perpetuação da violência, de modo que, a partir dessa proposição, se deduz consequências observáveis que serão analisadas no contexto do conflito Israel–Palestina.

O estudo será estruturado em três etapas principais, visando abranger cada objetivo específico. A primeira consistirá no mapeamento da estrutura e do funcionamento da BID, com ênfase nas empresas-chave (Elbit Systems, IAI e Rafael) e sua articulação com centros de pesquisa e universidades, nos órgãos estatais e agentes financeiros, na atuação do governo israelense, bem como na influência de corporações privadas sobre políticas de defesa.

Serão identificados, ainda, os principais mecanismos tecnológicos atualmente desenvolvidos pelo Estado e pelas empresas. A coleta de dados será realizada a partir de documentos oficiais do Ministério da Defesa e das Forças de Defesa de Israel, relatórios anuais e demonstrativos financeiros das empresas, bancos de dados especializados, como SIPRI e Who Profits, além de revisão bibliográfica de artigos acadêmicos e obras de referência sobre a BID e a inovação tecnológica israelense, notadamente Hartley, Halper e Loewenstein.

A segunda etapa visa testar a hipótese central tomando o conflito Israel–Palestina como caso típico e representativo. Busca-se analisar os efeitos concretos da aplicação dessas tecnologias, considerando a tipologia da violência direta, estrutural e cultural. A violência direta será investigada a partir da incidência de ataques com drones, destruição de infraestrutura essencial, número de mortes e índices de deslocamento populacional. A violência estrutural será analisada por meio dos mecanismos de vigilância e controle sobre a população palestina, enquanto a violência cultural será abordada a partir de discursos oficiais de autoridades israelenses e internacionais, denúncias do uso de dispositivos militares com vieses raciais e a construção do “inimigo”. Nessa etapa, serão utilizados relatórios de organizações internacionais, como *Report Assesses Damage to Gaza’s Infrastructure* (ONU e Banco Mundial), *UN Office for the Coordination of Humanitarian Affairs (OCHA) — Gaza: Humanitarian Situation Updates* e *Amnesty International — “You Feel Like You Are Subhuman”: Israel’s Genocide Against Palestinians in Gaza*, além de artigos de jornais de circulação internacional, como *Al Jazeera*.

Por fim, a terceira etapa será dedicada à análise de como o cenário descrito contribui para a compreensão do conceito de genocídio por parte do governo israelense, com base nas considerações sobre o conceito genocídio de Mohammed Nijim (2022), e as denúncias de autores como Sara Roy e organizações internacionais, como *Amnesty International*. Essa análise será realizada a partir da revisão crítica da literatura, além do cruzamento com os dados empíricos coletados e da reflexão sobre os processos de dominação, legitimação simbólica e os impactos humanitários, evidenciando o papel da BID na sustentação institucional da violência e na consolidação das desigualdades estruturais e culturais no contexto do conflito.

Referências bibliográficas

ABDELNOUR, Samer. **Making a Killing: Israel’s Military-Innovation Ecosystem and the Globalization of Violence**. Sage Journals. p. 333 - 337. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/01708406221131938>. Acesso em: 29. set. 2025.

ABRAHAM, Yuval. **Lavender: a máquina de inteligência artificial que comanda bombardeios de Israel em Gaza**. Instituto Humanitas Unisinos, 10 abr. 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/638943-lavender-a-maquina-de-inteligencia-artificial-que-comanda-bombardeios-de-israel-em-gaza>. Acesso em: 25 ago. 2025.

ACLED – Armed Conflict Location & Event Data Project. **Middle East Overview: May 2025**. 2025. Disponível em: <https://acleddata.com/update/middle-east-overview-may-2025>. Acesso em: 21 ago. 2025.

ANISTIA INTERNACIONAL. **O sistema de apartheid de Israel contra os palestinos: um regime cruel de dominação e crime contra a humanidade**. 2022. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/latest/campaigns/2022/02/israels-system-of-apartheid/>. Acesso em: 5 maio 2025.

BALLASTERO, Ana Carolina de Oliveira. **Algoritmos de guerra e a produção da vida matável palestina.** Anais do Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra, Coimbra, v. 6, n. 1, p. 1-14, 2024. Disponível em: <https://www.trabalhoscidhcoimbra.com/ojs/index.php/anaiscidhcoimbra/article/view/4018>. Acesso em: 25 ago. 2025.

BARASH, David P.; WEBEL, Charles P. **Peace and Conflict Studies.** 2. ed. Los Angeles: SAGE Publications, 2009. Disponível em: <https://pestuge.iliauni.edu.ge/wp-content/uploads/2017/12/David-P.-Barash-Charles-P.-Webel-Peace-and-Conflict-Studies.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2025.

BRASIL. Exército Brasileiro. Ministério da Defesa. **Portaria Normativa no 899, de 19 de julho de 2005.** Disponível em: <https://www.defesa.gov.br/sistemas/bdlegis/normas/norma.pdf>. Acesso em: 4 maio 2025.

CHAMAYOU, Grégoire. **Teoria do drone.** Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify, 2015. Disponível em: <https://ciberativismoeguerra.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/09/teoria-do-drone.pdf>. Acesso em: 4 maio 2025.

COHEN, Raphael S. et al. **From Cast Lead to Protective Edge: Lessons from Israel's Wars in Gaza.** Santa Monica (CA): RAND Corporation, jul. 2017. Research Report RR-1888. Disponível em: . Acesso em: 7 ago. 2025.

DFCmodeling. **Elbit Systems Ltd. (ESLT): History, Ownership, Mission, How it works & Makes money.** Disponível em: <https://dfcmodeling.com/blogs/history/eslt-history-mission-ownership?srsltid=AfmBOooXOV2Xx8AOxBBsJvKeSNfpymUUVtAtBWhrQRi8BqFVzLo0iLjH>. Acesso em: 24 ago. 2025.

DIMSE – **Database of Israeli Military and Security Export. Elbit Systems.** [S.l.]: DIMSE, [s.d.]. Disponível em: <https://dimse.info/elbit-systems/>. Acesso em: 7 ago. 2025.

DOWLING, Paddy. **Dirty secret of Israel's weapons exports: They're tested on Palestinians.** Al Jazeera, 17 nov. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/features/2023/11/17/israels-weapons-industry-is-the-gaza-war-its-latest-test-lab>. Acesso em: 7 ago. 2025.

DUFFIELD, Mark. **Globalization, transborder trade, and war economies.** IDS Bulletin, Brighton, v. 27, n. 3, p. 23–30, July 1996. Disponível em: <https://www.ids.ac.uk/download.php?file=files/dmfile/duffield254.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

DUNNE, J. Paul. **Chapter 14 The defense industrial base.** Handbook of Defense Economics, [s.l.], 1995.

ESTEVAM, Eduardo de Oliveira. **Base Industrial de Defesa: um estudo sobre o fortalecimento da Base Industrial de Defesa e sua contribuição para a soberania nacional.** 2021. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/14183/1/MO%207135%20%20Eduardo%20de%20Oliveira%20ESTEVAM.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2025.

FERREIRA, Marcos Alan S. V. **As origens dos Estudos para a Paz e seus conceitos elementares: paz, violência, conflito e guerra.** In: FERREIRA, Marcos Alan S. V.; MASCHIETTO, Roberta Holanda; KUHLMANN, Paulo Roberto Loyolla (orgs.). Estudos Para a Paz: conceitos e debates. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2019. p. 47-80. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/365990770_Estudos_para_a_Paz_conceitos_e_debates. Acesso em: 4 maio 2025.

FINKELSTEIN, Norman. **Symposium on Gaza.** 2018. Disponível em: <https://www.normanfinkelstein.com/symposium-on-gaza/>. Acesso em: 26 ago. 2025.

FRANTZMAN, Seth J. **Israel's Ministry of Defense pours money into start-ups.** Breaking Defense, 12 dez. 2024. Disponível em: <https://breakingdefense.com/2024/12/israels-ministry-of-defense-pours-money-into-start-ups/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

GALTUNG, J. Editorial. Journal of Peace Research, n. 1, p. 2, 1964.

_____. **Cultural violence.** Journal of Peace Research, v. 27, n. 3, Aug. 1990.

_____. **Peace by peaceful means: peace and conflict, development and civilization.** Oslo/London:

PRIO/Sage, 1996.

_____. **Twenty-Five years of peace research: ten challenges and some responses.** Journal of Peace Research, v. 22, n. 2, p. 141-158, 1985.

_____. **Violence, peace and peace research.** Journal of Peace Research, v. 6, n. 3, p. 167-191, 1969.

GOODFRIEND, Sophia. **Algorithmic State Violence: Automated Surveillance and Palestinian Dispossession in Hebron's Old City.** International Journal of Middle East Studies, v. 55, n. 3, p. 461-478, 2023. DOI: 10.1017/S0020743823000879. Acesso em: 4 maio 2025.

GOWAYED, Heba. **Gaza as Ground Zero for Israel's Border Technology.** Arab Center Washington DC, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://arabcenterdc.org/resource/gaza-as-ground-zero-for-israels-border-technology/>. Acesso em: 29 set. 2025.

HALPER, Jeff. **War against the people: Israel, the Palestinians and global pacification.** London: Pluto Press, 2015. Disponível em: <https://www.perlego.com/book/665222/war-against-the-people-israel-the-palestinians-and-global-pacification-pdf>. Acesso em: 4 maio 2025.

HAMAYUN, Hira. CNN BRASIL. **Em alerta para o Hamas, Netanyahu diz que é “apenas o começo” após ataque.** CNN Brasil, 07 out. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/em-alerta-para-o-hamas-netanyahu-diz-que-e-apenas-o-comeco-apos-ataque/>. Acesso em: 21 ago. 2025.

HARTLEY, K. **The Arms Industry, Procurement and Industrial Policies.** Handbook of Defense Economics, v. 2, p. 1139-1176, 2007, Elsevier B.V.

HEVER, Shir. **Who's Profiting from Israel's Offensive in Gaza?** The Real News Network, 29 jul. 2014. Disponível em: https://therealnews.com/shever0729gaza?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 29 set. 2025.

HUMAN RIGHTS WATCH. **A threshold crossed: Israeli authorities and the crimes of apartheid and persecution.** 27 abr. 2021. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2021/04/27/threshold-crossed/israeli-authorities-and-crimes-apartheid-and-persecution>. Acesso em: 4 maio 2025.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Selling Justice Short: Why Accountability Matters for Peace.** New York: Human Rights Watch, 2009. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2009/07/07/selling-justice-short/why-accountability-matters-peace>. Acesso em: 25 ago. 2025.

IGNACIO, Julia. **Necropolítica: explicamos o conceito de Achille Mbembe!** Politize! (portal educacional online), 30 jul. 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/necropolitica-o-que-e/>. Acesso em: 7 ago. 2025.

IMOD (Israel). **Directorate of Defense, Research & Development (DDR&D).** [s.l.]: Ministry of Defense, [s.d.]. Disponível em: <https://ddrd-mafat.mod.gov.il/en>. Acesso em: 7 ago. 2025.

INSTITUTE FOR DEFENSE AND BUSINESS. **What is the Defense Industrial Base?** Chapel Hill, NC: IDB, [s.d.]. Disponível em: <https://www.idb.org/what-is-the-defense-industrial-base/>. Acesso em: 4 maio 2025.

KALDOR, M. **New and old wars. Organized armed violence in a global era.** S. Francisco: Stanford University Press, 2001.

LOEWENSTEIN, Antony. **Israelis forgetting how to treat the other as human.** Antony Loewenstein, 23 mar. 2009. Disponível em: https://antonyloewenstein.com/israelis-forgetting-how-to-treat-the-other-as-human/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 ago. 2025.

LOSHITZKY, Yosefa. **Gaza as a global metaphor for reclaiming justice.** Al Jazeera, 4 dez. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/opinions/2023/12/4/gaza-as-a-global-metaphor-for-reclaiming-justice>. Acesso em: 26 set. 2025.

_____. **The Palestine laboratory: how Israel exports the technology of occupation around the world.** Londres; Nova York: Verso, 2023.

MCDONALD, Matt. **Construtivism.** In: WILLIAMS, Paul D. Security Studies: An Introduction. 2008. p. 59-72. Disponível em:

https://www.academia.edu/19601103/Paul_D_Williams_Security_Studies_An_Introduction_2008. Acesso em: 7 ago. 2025.

MELO, Regiane. **Indústria de defesa e desenvolvimento estratégico: estudo comparado**. França-Brasil – Brasília: FUNAG, 2015. Disponível em: https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/loc_pdf/121/1/industria_de_defesa_e_desenvolvimento_estrategico:_estudo_comparado_franca-brasil. Acesso em: 4 maio 2025.

MILLER, Tood; SHIVONE, Gabriel M. **US–Mexico border gets Gaza-style security tech**. Mother Jones, 26 jan. 2015. Disponível em: <https://www.motherjones.com/politics/2015/01/us-mexico-border-gaza-israeli-tech-wall/>. Acesso em: 7 ago. 2025.

NADIBAIDZE, Anna; BODE, Ingvild; ZHANG, Qioachu. *AI in Military Decision Support Systems: A Review of Developments and Debates*. 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/385551984_AI_in_Military_Decision_Support_Systems_A_Review_of_Developments_and_Debates. Acesso em: 20 ago. 2025.

NUCLEAR THREAT INITIATIVE – NTI. **Ministry of Defense**. Disponível em: <https://www.nti.org/education-center/facilities/ministry-of-defense/>. Acesso em: 7 ago. 2025.

OLIVEIRA, Gilberto C. **Peace studies: origins, developments and current critical challenges**. Rev. Carta Inter., Belo Horizonte, v. 12, p. 148-172, 2017.

ONU. **Guterres condena ataques aéreos em Gaza e alerta para risco de escalada regional**. ONU News, 2 abr. 2024. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2024/04/1830431>. Acesso em: 14 abr. 2025.

PILISUK, Marc. **The Hidden Structure of Violence: Who Benefits From Global Violence and War**. Academia.edu, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/9393002/The_Hidden_Structure_of_Violence_Who_Benefits_From_Global_Violence_and_War. Acesso em: 8 ago. 2025.

PIRES, Pedro Alexandre Rodrigues. **O potencial estratégico da base tecnológica de indústrias de defesa para Portugal**. IDN Brief, Lisboa: Instituto da Defesa Nacional, dez. 2017. Disponível em: <https://www.idn.gov.pt/pt/publicacoes/idnbrief/Paginas/IDN-Brief-dezembro-2017.aspx>. Acesso em: 4 maio 2025.

PUREZA, José Manuel; MOURA, Tatiana. **Violência(s) e guerra(s): do triângulo ao continuum**. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/13040/1/Viol%C3%A3ncia%28s%29%20e%20guerra%28s%29%3A%20do%20tri%C3%A2ngulo%20ao%20continuum.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

ROY, Sara. **Israel's 'Operation Cast Lead': A war of choice**. *Christian Science Monitor*, 2 jan. 2009. Disponível em: <https://www.csmonitor.com/Commentary/Opinion/2009/0102/p09s01-coop.html>. Acesso em: 1 out. 2025.

SAHD, Fábio Bacila. **Faixa de Gaza, 2023: o genocídio dentro do apartheid**. Tensões Mundiais, Fortaleza, v. 20, n. 42, p. 139-184, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/12145/11226>. Acesso em: 5 maio 2025.

SCHMITT, Michael N. **Israel–Hamas 2024 Symposium – The Gospel, Lavender, and the Law of Armed Conflict**. Articles of War, Lieber Institute – United States Military Academy at West Point, 28 jun. 2024. Disponível em: <https://ieber.westpoint.edu/gospel-lavender-law-armed-conflict/>. Acesso em: 7 ago. 2025.

SCHMITTER, Philippe. **The design of social and political research**. Approaches and Methodologies in the Social Sciences, p. 223, 2008.

SHUKI, Sadeh. **Gaza war is arms industry cash cow**. Haaretz. 11 ago. 2014. Disponível em: <https://www.haaretz.com/2014-08-11/ty-article/gaza-war-is-arms-industry-cash-cow/0000017f-e5af-df2c-a1ff-fffffb3220000>. Acesso em: 29 set. 2025.

SIBAT – Israel Ministry of Defense. **Israel Defense Directory 2018/19**. [S.l.]: SIBAT, dez. 2018. Disponível em: <https://fliphml5.com/vjuu/yefj/basic>. Acesso em: 7 ago. 2025.

SILVA, Jorge Vieira. **Estudos de paz: uma introdução teórica**. IN: JUNGBLUT, Airton Luiz [et al]; MALLMANN, Maria Izabel (org.). Paz e guerra em tempos de desordem. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SIPRI – Stockholm International Peace Research Institute. **SIPRI Yearbook 2025: Summary**. Estocolmo: SIPRI, jun. 2025. Disponível em: https://www.sipri.org/sites/default/files/2025-06/yb25_summary_en.pdf. Acesso em: 7 ago. 2025.

STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE – SIPRI. **Unprecedented rise in global military expenditure as European and Middle East spending surges**. Press release, 28 abr. 2025. Disponível em: <https://www.sipri.org/media/press-release/2025/unprecedented-rise-global-military-expenditure-european-and-middle-east-spending-surges>. Acesso em: 7 ago. 2025.

VENESSON, Pascal. **Case studies and process tracing: theories and practices**. Approaches and Methodologies in the Social Sciences, p. 263, 2008.

VISION OF HUMANITY. **How drones have shaped the nature of conflict**. Publicado em 13 jun. 2024. Disponível em: <https://www.visionofhumanity.org/how-drones-have-shaped-the-nature-of-conflict>. Acesso em: 7 ago. 2025.

WALT, Stephen M. **International Relations: one world, many Theories**. Foreign Policy, p. 29-45, 1998.

Webster's Third New International Dictionary. **American Dictionary of the English Language**. 1828. Disponível em: <http://webstersdictionary1828.com/Dictionary/peace>. Acesso em: 19 ago. 2025.

WHO PROFITS – The Israeli Occupation Industry. **Elbit Systems**. (2024). Disponível em: <https://www.whoprofits.org/companies/company/3794>. Acesso em: 7 ago. 2025.

WILLIAMS, Andrew J.; MACGINTY, Roger. **Conflict and Development**. 1. ed. London: Routledge, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203880005>. Acesso em: 7 ago. 2025.

WILLIAMS, Paul D. **Security Studies: An Introduction**. 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/19601103/Paul_D_Williams_Security_Studies_An_Introduction_2008. Acesso em: 7 ago. 2025.

WORLD PEACE FOUNDATION. **Arms and the State**. 2024. Disponível em: https://worldpeacefoundation.org/wp-content/uploads/2024/11/ArmsandtheState_FINAL.pdf. Acesso em: 4 maio 2025.